

# DELFIN E SERAFIM

por Natália Nunes

AQUANDO DA PUBLICAÇÃO de «O Delfim», de José Cardoso Pires, várias vozes, em público e em particular, puseram em dúvida a originalidade da técnica moderna desse autor, «...a substituição do estilo sobretudo linear de narração pela adesão a modernos processos de corte, retrocesso, saltos no tempo e

no espaço». (1) S. Ferreira a quem peço desculpa de mais uma vez contraditar pois o faço por bem e não por mal, em crítica publicada no «Journal de Notícias», do Porto, disse: «O Delfim resulta, afinal, como eco de outras vozes de verdadeiros criadores literários... [Laclos, Stendhal, Hemingway, Faulkner e,

principalmente, Roger Vailland] Sinal de inovação estética na ficção de Cardoso Pires, ou antes «pastiche» de outras vozes e de outros passos, disfarçados numa couraça de extracção nacional, portuguesa, pseudo-erudita?»

Partindo de tal definição interessaria realmente discutir se se pode

dizer que C. P. «disfarçou» a sua composição romanesca numa «couraça de extracção nacional» ou se foi antes um discípulo inteligente e hábil, o realizador de uma assimilação arguta, á qual imprimiu as notas da sua própria personalidade, bem como a do seu habitat nacional conseguindo uma síntese válida e feliz e, como tal, original. Outros que estudem o caso. Pessoalmente quero encarar apenas a «couraça de extracção nacional».

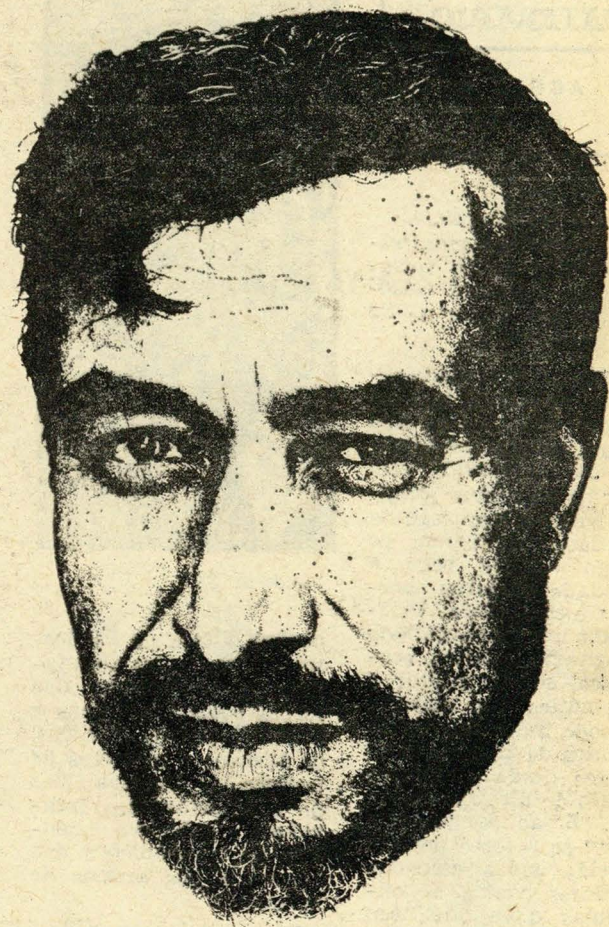
Se essa couraça implica uma referência ao ambiente nacional, é evidente que o romance se passa no nosso País. Mas o que os críticos não puseram evidência, aquando da saída do romance, aquilo a que nem sequer aludiram, que eu saiba, foi às influências literárias nacionais que se me afiguram notórias neste romance, em primeiríssimo lugar a de Aquilino Ribeiro.

A obra de Aquilino que provavelmente mais teria influenciado Cardoso Pires, que teria sido para este como que uma *ordnatriz*, julgo ser «A Casa Grande de Romarigães».

Desconfio até que o abade Agostinho Saraiva, autor da «Monografia do termo Gafeira», pode corresponder a uma transposição da pessoa de escritor do próprio Aquilino Ribeiro, que este seria, na visão crítica de Cardoso Pires, o «ze-lador de antiguidades lusitanae, instalado na sua prosa cuidada». (2)

Em «A Casa Grande de Romarigães» traça-se a genealogia de um senhor, meio fidalgo, meio patriarca, fundador da Casa Grande; todos os seus descendentes são morgados, senhores rurais. Ora, parece-me que os onze descendentes são morgados, senhores rurais. Ora, parece-me que os onze descendentes são morgados, senhores rurais. Ora, parece-me que os onze descendentes são morgados, senhores rurais. Ora, parece-me que os onze descendentes são morgados, senhores rurais.

Tomás Manuel, o cavalgador de jaguares, era um estróina que andava constantemente atrás de saídas, um frequentador de bares e amador de toiradas; será, pela certa, primo consanguíneo da Cunha de Antas que, «com picadores e cómicos, ora em Lisboa ora em Sevilha e por toda a



Cardoso Pires: n'«O Delfim», influência de Aquilino?

parte onde lhe acenava o draldil da estúrdia, ganhava fama de príndigo...», (3) esse Luís de Azevedo, «o sobrinho mariola», o «sobrinho cachorro» (4), «rapaz estouvado e cheio de sangue na guelra» (5).

O antepassado do engenheiro, seu homónimo, mas por alcunha «O Gago», que vem a ser mais um dos garanhões do «friso de cavaleiros-lavradores» (6), do termo da Gafeira e da Casa da Lagoa, não teria tido, no seu tempo, um rival em Telmo de Montenegro Antas de Mendonça e Meneses, «homem luxurioso, que se havia de gozar de quantas servas e criadas pisavam a Casa Grande» (7), e cuja norma de conduta era a mesma do galaróz: «franga que entra no poleiro, passa por debaixo dos esporões?». (8)

A crónica da Casa Grande de Romarigães conta os dias fastos e nefastos do vínculo da Quinta da Senhora do Amparo que, tal como a Casa da Lagoa, acabou em ruína; embora dentro de restrita medida, os pavões que Dom Telmo, da Casa Grande, solta na sua mata — bichos que «acabam por pintar o arco-da-velha» (9), terão correspondência nos dois mastins *racés*, pertencentes a Tomás Manuel da Palma Bravo, que não

se cansam de rosnar, ameaçadores, e se mostram inquietantes desde o começo até o fim da acção.

Acontece ainda que, em «O Delfim», o velho cauteleiro que pára pelo Café da terra, a dar á língua maldizente e agourenta, odeia ferozmente os dois lobos-da-alsácia do Engenheiro e chega a torturá-los na praça publica; em «A Casa Grande...», os dois pavões contam também um inimigo, o Pimpolim, «sapateiro-remendão, mais visto a achado nas tavernas a bukar a biscoa que hó sótão os lícos das gáspeas e meias solas». (10)

Um dos Cunhas d'Antas, o já referido Dom Telmo, encomenda os retratos dos seus antepassados e diz para o pintor: «Quando chegar á actualidade, atenção, quero o meu neto, que terá ocasião de pintar quando vier a férias e é o herdeiro do vínculo, belo como um serafim». (11) Em «O Delfim», se bem me lembro, surge também algures uma alusão a retratos de antepassados a pintar; de qualquer modo, de *serafim* para *delfim*, e de «sobrinho-cachorro» para os cães, de tão forte presença e simbolismo no romance de Cardoso Pires, não pode-

(Cont. na pág. 6)



SUPLEMENTO  
LITERÁRIO

# Delfim e Serafim



(Cont. da pág. 1)

ria ter havido sugestão, através de uma subjacente cadeia mnésica de associações de ideias e de imagens?

Em outros artigos já publicados sobre este mesmo romance de C. P., afirmei que o simbolismo de *delfim* é polivalente: na sua provável acepção de *príncipe*, *delfim* representa o lado heróico e luminoso do autor-narrador; na sua acepção de *peixe* (aliás, de mamífero aquático pisciforme), o seu lado inferior e obscuro, em relação com os domínios do mal e da morte. Ora, *serafim*, além da semelhança fónica, encerra uma correspondência simbólica-mítica com *delfim*: vem a ser um anjo da mais elevada hierarquia celeste. Quando se pressupõem influências de autores sobre autores, não nos podemos limitar ao apontamento das similitudes superficiais da técnica, do estilo, da ambiência e da temática; haverá que aprofundar a investigação até à detecção dos mais ínfimos e subtis detonadores, aqueles que desencadeiam muitas vezes a explosão de todas

as cargas que se encontram em estado de tensão no inconsciente dos autores.

Do mesmo modo que Aquilino, ao compor a sua bellissima crónica-romanceada diz ter encontrado «um cartapácio em vários cadernos», um dos quais se intitula: «Livro que há-de servir ao assento das coisas notáveis que sucederam na Casa Grande de Romari-gães...», igualmente em «O Delfim» o autor se serve do velho ardid técnico do «documento» ou «manuscrito» prenunciador, colocando ao alcance da mão do narrador certa «Monografia do termo da Gafeira, escrita pelo Abade Agostinho Saraiva, MDCCCI».

Aconteceu, no entanto, que o «lado crítico» do narrador de «O Delfim», que julga a prosa de Dom Abade (e também a de Aquilino?) como «um inventário de ruínas de coisas passadas», não se quis ficar sómente pela crónica de mais uma vergõntea das linhagens aparentadas dos Palmas

Bravos e dos Cunhas de Antas pois reconhece que o Dom Abade, (Aquilino?) afinal, «nunca passou daquela parte que diz respeito aos ditos fidalgos de bom coração», que as suas personagens são «vaguíssimas», e que o dito Abade (Aquilino?) «sabia molhar a pena sem carregar muito nas tintas», e foi sempre «suficientemente cauteloso para não se chegar muito à lagoa. Ai, não, que não foi: até porque a lagoa queima, não é assim?» E pasma «com o gosto oficial» admirando «as minúcias que há nos sábios de livraria que se debruçam sobre o passado morto para fugirem às inquietações do presente».

Fico com a nítida impressão de que houve, da parte de C. P., uma assimilação da ambiência histórico-erudita criada por Aquilino («zelador de de antiguidades lusitanae?»), e ainda de que, tal como o seu Engenheiro, também ele, Cardoso Pires, e segundo ele próprio diz, acabou por pôr o pé no acelerador, «aproveitando», sem o saber, as regras dos grandes defuntos.

NATALIA NUNES

- (1) Mário Dionísio, no jornal «A Capital».
- (2) «O Delfim».
- (3) «A Casa Grande de Romari-gães».
- (4) Idem.
- (5) «O Delfim».
- (6) «A Casa Grande de Romari-gães».
- (7) Idem.
- (8) Idem.
- (9) Idem.
- (10) Idem.

## VENÇA NA VIDA

## DOB. SI. DRÓPIO